



## ESTUDO DA ETNOBOTÂNICA DAS PLANTAS MEDICINAIS NO ENSINO BÁSICO, NO MUNICÍPIO DE SUMÉ, PARAÍBA, BRASIL

Cleomária Gonçalves da Silva<sup>1</sup>; Maria das Graças Veloso Marinho<sup>2</sup>; Alexandre Flávio Anselmo<sup>3</sup>; Adriana de Fátima Meira Vital<sup>4</sup>

*Universidade Federal de Campina Grande, [cleomariasilva@yahoo.com.br](mailto:cleomariasilva@yahoo.com.br)<sup>1</sup>; Universidade Federal de Campina Grande, [mgvmarinho@bol.com.br](mailto:mgvmarinho@bol.com.br)<sup>2</sup>; Universidade Federal de Campina Grande, [alehfa07@gmail.com](mailto:alehfa07@gmail.com)<sup>3</sup>; Universidade Federal de Campina Grande, [vital.adriana@hotmail.com](mailto:vital.adriana@hotmail.com)<sup>4</sup>*

### RESUMO:

O conhecimento popular que os alunos tem sobre as plantas medicinais, valoriza o interesse destes sobre os conhecimentos científicos a serem trabalhados em sala de aula. Este trabalho teve como objetivo fazer um estudo etnobotânico em relação às plantas medicinais coletadas pelos alunos do 7º ano, no município de Sumé-PB. Os dados foram coletados por meio de um questionário com perguntas objetivas de múltiplas escolhas, com 60 alunos na faixa etária entre 12 a 15 anos. Foram produzidas exsiccatas com as plantas medicinais coletas. Os resultados demonstraram que foram citadas 23 espécies, 16 famílias, 21 gêneros. As famílias com maior representatividade foram Lamiaceae (6 spp.), Myrtaceae e Rutaceae (2 spp.) cada uma, as demais apenas com uma espécie. Verificou-se que as partes da planta utilizada foram às folhas (70%), seguido de outras partes da planta, como sementes, raízes (16,67%), e o caule (13,33%). O modo de preparo dos remédios indicou o chá (48%) como o mais consumido, seguido de lambedor (24%). Os dados encontrados revelaram que boa parte dos alunos ainda conservam os ensinamentos repassados pelos seus familiares, em utilizar remédios produzidos por plantas medicinais. Neste contexto, necessita que as escolas se voltem mais aos saberes do cotidiano de seus alunos sobre plantas medicinais, como forma de investigar e problematizar os conhecimentos tradicionais e populares que fazem parte da vida e da cultura dos mesmos, repassado este conhecimento para futuras gerações.

**Palavras-chaves:** Plantas medicinais; Etnobotânica; Ensino.

### INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, em diferentes épocas e culturas, o homem busca, no ambiente natural, os recursos para a sua sobrevivência e para a melhoria de sua qualidade de vida. Assim, toda a sociedade acumula um acervo de informações a respeito do ambiente em que está inserida, incluindo os conhecimentos relativos ao mundo vegetal com o qual está em contato (AMOROZO, 1996).

Para Guarim-Neto et al. (2000), é através da etnobotânica que se busca o conhecimento e o resgate do saber botânico tradicional, particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora. Albuquerque e Andrade (2002) assinala que todas as ciências que se ocupam de investigar a relação



pessoas/plantas estão preocupadas em registrar e conhecer as estratégias e conhecimentos dos povos locais, procurando também usar essa informação em benefício dessas próprias pessoas.

Autores como Brandão (2003), Chassot (2006), Lopes (1999), Mortimer (1998), Santomé (1995) e Perrelli (2008) defendem a ideia de que os saberes tradicionais/populares devem fazer parte do currículo escolar, uma vez que fazem parte da vida dos estudantes e precisam ser reconhecidos e explorados pela escola.

Para Dickmann e Dickmann (2008), a construção de ambientes e conteúdos que proporcionem a discussão entre os saberes populares e os conhecimentos acumulados pela academia, é um grande desafio que a educação precisa enfrentar, de maneira que um complemente o outro.

Neste contexto, o objetivo do presente trabalho foi fazer um estudo sobre a etnobotânica com os alunos do ensino fundamental no conhecimento sobre as plantas medicinais no seu dia-a-dia, assim como, o manejo dos mesmos em produzir exemplares botânicos (exsicatas) para formação de uma coleção, como forma de um acervo escolar.

## METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado com alunos do 7º ano, da Unidade Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas, município de Sumé - PB (Figura 01). O município de Sumé está localizado na microrregião do Cariri Ocidental da Paraíba, sob as coordenadas geográficas 7°40'10'' S, 36°52'48''W, a uma altitude de 532 m (Figura 01). Com área territorial de 838 Km<sup>2</sup>, e com uma população de 16.060 habitantes (IBGE, 2010).

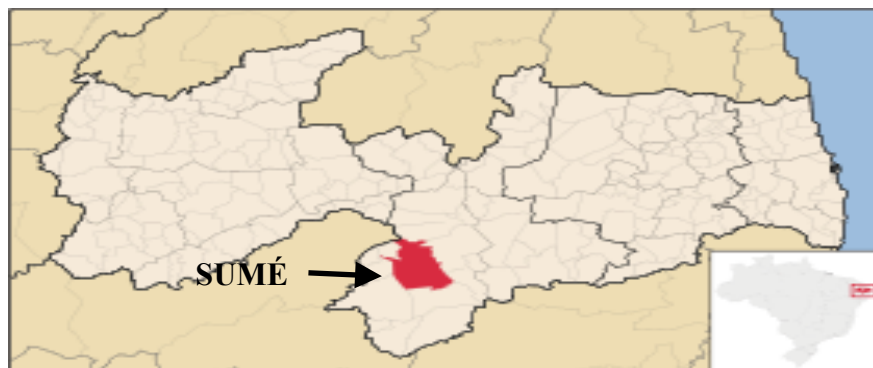


Figura 01. Mapa do Estado da Paraíba, destacando-se em vermelho, o município de Sumé, Nordeste do Brasil. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sum%C3%A9\\_\(Para%C3%ADba\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sum%C3%A9_(Para%C3%ADba)). Acesso em: 11 de junho de 2015.

Os dados foram coletados durante os meses de maio e junho de 2015, através de questionários com 8 (oito) perguntas objetivas de múltiplas escolhas, realizadas individualmente, com 60 alunos na faixa etária entre 12 a 15 anos, seguindo a metodologia de Brandão (1984), considerando os objetivos do trabalho, além da possibilidade de voltar os olhares ao ensino contextualizado do conhecimento científico e do saber popular. Com o material vegetativo coletado foram divididos os alunos em grupos, com até 6 (seis) componentes cada, onde foram feitas exsiccatas, obedecendo às regras fundamentais propostas por Posey (1987), as quais servirão de acervo como material de estudo para a biblioteca da escola (Figura 02).



Figura 02. Socialização das plantas medicinais coletadas pelos alunos (A); Confeção das exsiccatas pelos grupos de alunos (B). Fotos: Silva, 2015.

A frequência absoluta e percentual dos dados foi produzida no programa Microsoft Excel para análise e tratamento dessas informações.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstraram que o gênero feminino (60%) conhece plantas medicinais e sabe para qual doença é utilizada, enquanto o gênero masculino (40%) não conhece e nem sabe sobre plantas medicinais. Segundo Guarim-Neto et al. (2000), o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de pais para filhos no decorrer da existência humana.



Foram citadas 23 espécies, 16 famílias, 21 gêneros. As famílias com maior representatividade foram Lamiaceae (6 spp.), Myrtaceae e Rutaceae (2 spp.) cada uma, as demais apenas com uma espécie. As espécies com mais exemplares coletados foram *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.(erva-cidreira) com 10 (dez), *Punica granatum* L. (romã) com 06 (seis), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (capim-santo) com 05 (cinco), onde o número de espécies coletadas pelos alunos para confecção de exsiccatas foi representada na (Figura 03). Trabalhos como o de Silva et al.(2015), Albuquerque e Andrade (2002) demonstram ainda a importância de desenvolver estudos sistemáticos com as plantas nativas de uma dada região, valorizando a importância do saber popular para cura das enfermidades.

Verificou-se que as partes da planta utilizada para preparação dos remédios caseiros, produzidos pelos pais e avós dos alunos, foram às folhas (70%), seguido de outras partes da planta, como sementes, raízes (16,67%), e o caule (13,33%). Resultados encontrados em alguns autores como Castellucci et al. (2000) e Jacoby et al. (2002), onde a provável explicação para maior uso das folhas pode estar no fato da colheita ser mais fácil e estarem com uma disponibilidade maior.

O modo de preparo dos remédios indicaram diversas formas como lambedor (xarope caseiro), chás, banhos, maceração, no consumo de forma crua. Verificou os índices mais elevados para preparação dos remédios caseiros o chá (48%), seguido de lambedor (24%). Esses resultados corroboram com os encontrados por Silva et al. (2015), Guerra et al (2010), Amorozo (2002) e Teixeira e Melo (2006), onde nota-se a predominância dos chás em suas pesquisas.

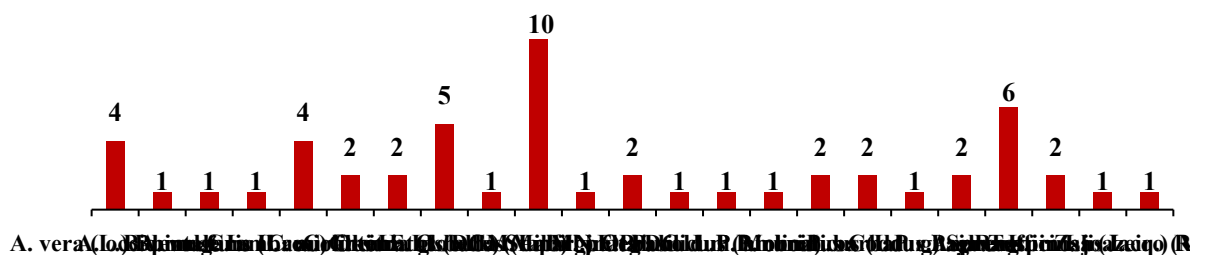


Figura 03. Espécies medicinais coletadas pelos alunos do 7º ano para confecção de exsiccatas, Sumé, Paraíba, Brasil.



## CONCLUSÃO

Neste trabalho verificou-se que mesmo os alunos tendo acesso a medicamentos industrializados, boa parte deles conservam os ensinamentos repassados pelos seus familiares, em utilizar remédios produzidos por plantas medicinais, onde ainda tem-se o hábito de cultivar estas plantas em seus quintais. É necessário pôr em evidência que as escolas, sejam escolas rurais ou urbanas, necessitam se voltar mais aos saberes do cotidiano de seus alunos, como forma de investigar e problematizar os conhecimentos tradicionais e populares que fazem parte da vida e da cultura dos mesmos, para que estes possam proporcionar uma aprendizagem em relação às plantas medicinais, assim como os cuidados e orientações que devem ser tomadas ao utilizá-las, repassado este conhecimento para futuras gerações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. D. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Unesp, p. 47-68. 1996.

AMOROZO, C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 2, p. 189-203. 2002.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 200p. 1984.

\_\_\_\_\_. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 320p. 2003.

CASTELLUCCI, S.; LIMA, M. I. S.; NORDI, N.; MARQUES, J. G. W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio - SP; uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira Plantas Medicinais, Botucatu**, v. 3, n. 1, p. 51-60. 2000.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 438 p. 2006.

DICKMANN, I; DICKMANN, I. **Primeiras palavras em Paulo Freire**. Passo Fundo:



Battistel, v.1000, 128p. 2008.

GUARIM-NETO, G.; SANTANA, S. R.; SILVA, J.V.B . Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 167-170. 2000.

GUERRA, A. M. N. M.; PESSOA, M. F.; SOUZA, C. S. M.; MARACAJÁ, P. B. Utilização de plantas medicinais pela comunidade rural Moacir Lucena, Apodi-RN. **Biosci. J.**, Uberlândia, v. 26, n. 3, p. 442-450, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades @ 2010**. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=pb>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

JACOBY, C. COLTRO, E. M.; SLOMA, D. C.; MULLER, J.; DIAS, L. A.; LUFT, M.; BERUSKI, P. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, Município de Irati, PR. **Revista Ciências Exatas e Naturais**. v. 4, n. 1, p.1-7. 2002.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 236p. 1999.

MORTIMER, E. F. Sobre chamas e cristais: a linguagem cotidiana, a linguagem científica e o ensino de ciências. In: CHASSOT, A.; OLIVEIRA, R. J. (Org.). **Ciência, ética e cultura na educação**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, p. 99-118, 1998.

PERRELLI, M. A. S. “Conhecimento tradicional” e currículo multicultural: notas com base em uma experiência com estudantes indígenas Kaiowá/Guarani. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 14, n. 3, p. 381-396, 2008.

POSEY, D. A. Introdução – Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.). **Suma Etnológica Brasileira** v. 1: Etnobiologia. Petrópolis, Vozes. Rio de Janeiro: Finep., p. 15- 25.1987.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 159-177. 1995.

SILVA, C. G.; MARINHO, M. G. V.; LUCENA, M. F. A.; COSTA, J. G. M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira Plantas Medicinais**, Campinas, v.17, n.1, p.133-142, 2015.

TEIXEIRA, S. A.; MELO, J. I. M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia, Série Botânica**, Porto Alegre, v. 61, n. 1-2, p. 5-11, 2006.